



**PROGRAMAS E BIBLIOGRAFIAS**

**2º período letivo de 2023**

DISCIPLINA	NOME
HZ066B	Antropologia e História

Horas Semanais						
Teóricas	Práticas	Laboratório	Orientação	Distância	Estudo em Casa	Sala de Aula
Nº semanas	Carga horária total		Créditos	Exame	Frequência	Aprovação
15				S	75%	N

<b>Docente:</b> Christiano Key Tambascia
---

<b>Ementa:</b>
----------------

**Programa:**

A antropologia constituiu-se como uma disciplina histórica. Entretanto, uma história da própria antropologia expõe uma desconfiança, nas primeiras décadas do século passado, com o que foi considerado uma base especulativa que impedia seus praticantes de instituí-la como uma verdadeira ciência – desconfiança, esta, que levou a disciplina, ao menos no âmbito de algumas de suas escolas e paradigmas, a voltar-se para análises sincrônicas e presentistas. No contexto britânico, por exemplo, as grandes narrativas evolucionistas, tecidas na relação estabelecida entre o estudo de eventos retirados de contextos diversos, com poucas e frágeis conexões históricas verificáveis, logo foram denunciadas como o tipo de investigação que o método empírico – este sim científico – deveria suspender em prol de estudos mais seguros e controlados. A história tem sido problematizada, neste processo de reflexividade antropológica, como locus privilegiado de crítica - inclusive à perspectiva realista. Este curso tem como objetivo promover debates sobre as formas como o olhar para a história acompanhou algumas das próprias definições do escopo do fazer antropológico. Entretanto, uma reflexividade epistemológica sobre o lugar do passado e da memória no contexto etnográfico também deve considerar os usos da história não apenas pelas pessoas que produzem antropologia, mas também os sujeitos que produzem narrativas historiográficas no campo.

Desta forma, esta disciplina irá se voltar para os processos de feitura da história, em suas dimensões políticas e estéticas, ao considerar o caráter produtivo do olhar ao passado, em suas múltiplas atualizações. A história, neste sentido, ao ser tomada pela antropologia como não encerrada no passado, mas constituída em suas intersecções com o poder da narrativa e com os silenciamentos também inevitáveis, torna-se viva e aberta. Novamente tomando a antropologia britânica como um exemplo, mas sem esgotar-se neste universo de produção do conhecimento, é possível considerar as análises históricas não como incompatíveis com a realização de etnografias antropológicas. Na verdade, a etnografia pode evidenciar a prática histórica em ação, ao mesmo tempo que ela própria deve ser considerada como situada no tempo.

Ao assinalar a pertinência da crítica ao fazer etnográfico, desde uma perspectiva processual, têm-se problematizado a relação íntima entre o método antropológico com a ideia da existência de um “objeto” de estudo próprio (posição que, como lembra Merleau-Ponty, não pode existir de fato em antropologia, que possibilita, ao contrário, um espaço para o conhecimento do outro e, assim, de transformação, sem esgotar-se na atenção a um “objeto particular”). Uma própria concepção de história em moldes mais canônicos contribuiu, nesse sentido, para preservar de maneira absoluta as fronteiras entre as disciplinas: à história estava reservado o estudo das sociedades ditas complexas, que produziam suas próprias inscrições historiográficas; enquanto



que a antropologia deveria lidar com as sociedades ditas tradicionais que, na melhor das hipóteses, teriam seu passado desvendado através de relatos de viajantes, administradores coloniais, missionários, ou por registros de histórias orais (que os pressupostos cientificistas em jogo não podiam senão lançar dúvidas, sobretudo sobre a veracidade do acontecido e a objetividade do relato).

À crítica aos modelos em equilíbrio somou-se uma ênfase crescente na análise política dos fenômenos sociais que reintroduziu a história na antropologia praticada em novos contextos, com pressupostos epistemológicos renovados. A virada reflexiva das últimas décadas do século passado apenas condensou algumas das inquietações que não apenas possibilitaram, mas em diversos sentidos exigiam um estudo detido das fontes históricas – tomadas agora como narrativas mediadas por relações de poder – dos fenômenos sociais e culturais, que inclusive incluíssem os impactos do encontro etnográfico, do encontro entre os sujeitos de conhecimento de distintas origens.

O universo simbólico tão caro aos antropólogos e que, de outra maneira, também foi investigado pelos historiadores da cultura, figura, sob estas novas possibilidades de apreensão de processos históricos e sociais, como espaço de colaboração analítica – em que o conhecimento, também, tem sua historicidade assinalada, implicada no próprio processo que interessa conhecer.

O curso apresentará alguns dos debates centrais em antropologia histórica, ou entre antropologia e história, tendo atenção especial ao caráter produtivo e criativo da etnografia e da historiografia. Serão apresentados, inicialmente, alguns dos principais eixos de discussão sobre estrutura e processo, bem como alguns dos limites e críticas de abordagens que incidem sobre o campo próximo a ambas as disciplinas – seja em termos metodológicos, ou então analíticos, como os referentes às aproximações entre as concepções sobre as dificuldades e as vantagens do distanciamento. Está proposta a leitura e reflexão de uma bibliografia que busca desenvolver tais debates para a realização de análises antropológicas históricas. Entretanto, também serão discutidos textos que não são considerados antropológicos, mas cujos objetivos e métodos interessam a esta disciplina e ao trânsito que aqui se delinea. Em alguns casos, este tipo de perspectiva permitirá pensar sobre os desdobramentos de uma política social e cultural historicamente consciente – área de preocupação central em teoria social contemporânea.

Cronograma do Curso:

Aula 01: Apresentação do programa

Aula 02:

Leitura obrigatória:

DOUGLAS, Mary. “Introdução”. In: Frazer, James. O Ramo de Ouro. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

BOAS, Franz. “Antropologia”. In: Franz Boas: A formação da antropologia americana, 1883-1911: antologia.

George W. Stocking Jr (org.). Rio de Janeiro: Contraponto; Editora UFRJ, 2004.

RADCLIFFE-BROWN, A. R. “Sobre a Estrutura Social”. In: \_\_\_\_\_. Estrutura e Função na Sociedade Primitiva. Petrópolis, Vozes, 1973.

Aula 03:

LÉVI-STRAUSS, Claude. “O fim das viagens”; “Anotações de viagem”. In: \_\_\_\_\_. Tristes Trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.



LÉVI-STRAUSS, Claude. "História e Etnologia". In: \_\_\_\_\_. Antropologia Estrutural. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

GINZBURG, Carlo. "Introdução". In: \_\_\_\_\_. História Noturna: decifrando o sabá. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

Aula 04:

SAHLINS, Marshall. "Cosmologias do capitalismo: o setor transpacifico do 'Sistema Mundial'". Religião e Sociedade, vol. 16, n. 1-2, 1992.

LANNA, Marcos. "Sobre Marshall Sahlins e as 'cosmologias do capitalismo'". Mana, vol. 7, n. 1, 2001.

PAPAVERO, Claude G. "O conceito antropológico de estrutura e sua abertura para o evento histórico". In: Antropologia e História: debate em região de fronteira. Lilia K. Moritz Schwarcz e Nilma Lino Gomes (orgs.). Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

Aula 05:

STRATHERN, Marilyn. Fora de Contexto: as ficções persuasivas da antropologia. São Paulo: Terceiro Nome, 2013.

Aula 06:

OLIVEIRA, João Pacheco de. "A problemática dos 'índios misturados' e os limites dos estudos americanistas: um encontro entre antropologia e história". In: \_\_\_\_\_. Ensaios em Antropologia Histórica. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

TURNER, Terence. "De Cosmologia a História: Resistência, Adaptação e Consciência Social entre os Kayapó". In: Amazônia: Etnologia e História Indígena. Eduardo Viveiros de Castro e Manuela Carneiro da Cunha (orgs.). São Paulo: NHII, 1993.

Aula 07:

GINZBURG, Carlo. "Distância e Perspectiva: duas metáforas". In: \_\_\_\_\_. Olhos de Madeira: nove reflexões sobre a distância. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

ALMEIDA, Mauro. "A etnografia em tempos de guerra: contextos temporais e nacionais do objeto da antropologia". In: Antropologias, Histórias, Experiências. Fernanda Arêas Peixoto; Heloísa Pontes; Lilia Schwarcz (orgs.). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

Aula 08:

FABIAN, Johannes. "O Tempo e o Outro Emergente". In: \_\_\_\_\_. O Tempo e o Outro: como a Antropologia Estabelece seu Objeto. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

GESCHIERE, Peter. "Feitiçaria e modernidade nos Camarões: alguns pensamentos sobre uma estranha cumplicidade". Afro-Ásia, n. 34, pp. 9-38, 2006.

Aula 09:

FAUSTO, Carlos. "Se Deus fosse jaguar: canibalismo e cristianismo entre os guarani (séculos XVI-XX)". Mana. Estudos de Antropologia Social, vol. 11, n. 2, 2005.

CUNHA, Manuela Carneiro da; Castro, Eduardo Viveiros de. "Vingança e Temporalidade: os Tupinambá". In: \_\_\_\_\_. Cultura com aspas e outros ensaios. São Paulo: Cosac e Naify, 2009.

Aula 10:



TSING, Anna. Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.  
FERDINAND, Malcom. "Uma dupla fratura colonial e ambiental: o Caribe no centro da tempestade moderna".  
In: Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

Aula 11:

WALKER, Alice. "À procura de Zora Neale Hurston". Ayé: Revista de Antropologia, Edição Especial (Fire!!! Textos escolhidos de Zora Neale Hurston), 2021.

BASQUES, Messias. "Diários de Antropologia Griô: etnografia e literatura na obra de Zora Hurston". Revista ANTHROPOLÓGICAS, Ano 23, vol. 30, n. 2, 2019.

NASCIMENTO, Beatriz. "Kilombo e memória comunitária – um estudo de caso". Estudos Afro-Asiáticos, vol. 6, n. 7, 1982. - disponível no "Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento", de Alex Ratts (ver pág. 109-116)

Aula 12:

DIDI-HUBERMAN, Georges. "Imagens a despeito de Tudo". In: \_\_\_\_\_. Imagens a despeito de Tudo. São Paulo: Editora 34, 2020.

DIDI-HUBERMAN, Georges. "Casca". In: \_\_\_\_\_. Casca. São Paulo: Editora 34, 2017.

TROUILLOT, Michel-Rolph. "O poder na estória". In: \_\_\_\_\_. Silenciando o Passado. Poder e a produção da história. Curitiba: huya, 2016.

HARTMAN, Saidiya. "Vênus em dois atos". Revista Eco-Pós, vol. 23, n. 3, 2020.

Aula 13:

MCCLINTOCK, Anne. "Couro imperial: raça, travestismo e o culto da personalidade". In: \_\_\_\_\_. Couro Imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

CARRARA, Sergio. "A geopolítica simbólica da sífilis: um ensaio de antropologia histórica". História, Ciências, Saúde – Manguinhos, 3, 3, 1996.

Aula 14:

CLARK, T. J. "A vista de Notre-Dame". In: \_\_\_\_\_. A Pintura da Vida Moderna: Paris na arte de Manet e de seus seguidores. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

GINZBURG, Carlo. "O inquisidor como antropólogo". Revista Brasileira de História, vol. 1, n. 21, 1990.

Aula 15:

CUNHA, Olivia Gomes da. "Tempo imperfeito: uma etnografia do arquivo". Mana. Estudos de Antropologia Social, vol. 10, n. 2, 2004.

STOLER, Ann Laura. "Os arquivos coloniais e a arte da governança". In: HEYMANN, Luciana; NEDEL, Letícia. Pensar os arquivos: uma antologia. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018, p. 207-236.

**Bibliografia:**

Vide programa.

**Observações:**

Formas de Avaliação:

Os alunos serão avaliados a partir de sua participação na sala de aula, e é pré-requisito para aprovação a presença mínima de 75% das



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
DIRETORIA ACADÊMICA

## PROGRAMAS E BIBLIOGRAFIAS



**2º período letivo de 2023**

aulas. Ao final do semestre será entregue um ensaio que busque articular um ou mais temas de discussão do programa. A proposta é que uma primeira versão deste ensaio seja apresentada na metade do curso, para que possa ser feita uma discussão preliminar.

Horário de Atendimento a Alunos:

A ser combinado com os alunos no início do curso